

O USO DOS CONCEITOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA ESCRITA DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Elza Maria Silva de Araújo Alves¹
(UFRN/PpgEL/GETED)
(elza.alves29@yahoo.com.br)

Sulemi Fabiano Campos²
(UFRN-PpgEL/GETED-GEPPEP)
(sulemifabiano@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo uma pesquisa que está sendo realizada pelo Programa de Pós-graduação em Estudo da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PpgEL/UFRN) e pelo Grupo de Pesquisa do Estudo do Texto e do Discurso/ Departamento de Letras (GETED/UFRN), acerca de como o pesquisador mobiliza conceitos de variação e mudança linguística na escrita da dissertação de mestrado. Nosso intuito é entender como se dá a apropriação desses conceitos advindos da Sociolinguística na escrita de dissertações produzidas a partir da década de 1970, e compreender a dificuldade em que muitos mestrandos têm ao ingressar no discurso acadêmico, isto é, produzir textos que a escrita esteja implicada com um saber, que não só corrobore com a teoria em que está implicado, mas que também produza conhecimento. Para Grigoletto (2011)³, a escrita, principalmente acadêmica, deve se pautar pela implicação com o saber, não reproduzir, mas produzir novas configurações de sentido.

Nesse contexto a indagação que se tem é: como o pesquisador em formação dá a ver em sua escrita, os diferentes modos de apropriação dos conceitos de variação e mudança linguística? A nossa hipótese é a de que, ao confrontar textos produzidos por diferentes pesquisadores, possamos verificar, por meios da materialidade linguística, como a posição do autor se estabelece no texto frente à teoria mobilizada.

Para responder ao nosso questionamento e verificar nossa hipótese tomamos como aporte teórico os mecanismos enunciativos de Bronckart (2007), recursos textuais que demonstram o posicionamento enunciativo de quem escreve uma atividade de linguagem, esse posicionamento aponta para distribuição de vozes e para marcação da modalização.

Esse estudo também está ancorado nas pesquisas de Fabiano (2012); pesquisadora que a mais de uma década investiga a relação que o sujeito-autor estabelece com a escrita ao mobiliza os conceitos de área em que está inserido ou que se pretende inserir. Ao mobilizar conceitos esse sujeito realiza um “trabalho de escrita”⁴ compreendido, aqui, como um estilo de escrita, algo, que ninguém ensina, mas que se adquire através da experiência. Em suas

¹ Professora da Rede Municipal de Natal/RN. Aluna do Programa de Pós-graduação do Estudo da Linguagem – PpgEL/UFRN e integrante do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso – GETED.

² Professora Doutora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso/GETED e integrante do e Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP/USP.

³ Grigoletto (2011) afirma que há duas concepções de escrita: a Burocrática aquela que tem com objetivo cumprir uma tarefa estabelecida por outrem, quem escreve está pouco implicado com o texto; e a escrita Mobilizadora consiste na implicação de quem escreve.

⁴ Riolf (2003) define trabalho de escrita como a escrita que trabalha no sujeito, fazendo com que ele mude de posição com relação ao próprio texto e possa exercer um trabalho.

investigações comprovou que há pelo menos três tipos de pesquisa: a pesquisa que faz e inova; a que verifica e comprova uma teoria e outras que mostram que a teoria está aí, mas não é usada como deveria; e ainda há a pseudopesquisa, um discurso do senso comum.

Temos como objetivos: analisar como um pesquisador em formação mobiliza os conceitos de variação e mudança linguística; e verificar, através das marcas linguísticas, o gerenciamento de vozes na escrita das dissertações.

O *corpus* é composto por três dissertações de mestrado, defendidas entre a década 1970 e 2000. Para melhor organizar a análise dos dados denominamos cada um dos pesquisadores da seguinte forma: o primeiro trabalho defendido em 1979, denominamos de P1 (pesquisador 1) e segundo trabalho defendido em 2000, de P2 (pesquisador 2) e o terceiro defendido em 2011 de P3 (pesquisador 3). É importante esclarecer que a primeira dissertação foi disponibilizada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – U.S.P e as outras duas foram selecionadas do programa de Pós-graduação do Brasil, disponíveis no Portal Domínio Público – CAPES.

Adotamos como critério de escolha das dissertações, ser da área de linguística e tratar do conceito de variação e mudança, uma vez que é na mobilização dos conceitos que se verifica a posição do pesquisador. Podemos associar isso ao que postula Authier-Revuz (2004 p.18), quando se refere ao “jogo com o outro” no discurso, no sentido de jogar com as palavras do outro, com as palavras do *já-dito*, para então constituir o próprio discurso, ou seja, escrever de forma singular.

A análise é organizada da seguinte forma: na primeira parte demonstramos a estrutura das três dissertações, nos fragmentos de P1, de P2, e de P3, ou seja, elencamos quais objetivos, os conceitos que norteiam a pesquisa e os resultados encontrados. Comparamos os resultados das três pesquisas em foco, para verificarmos como o pesquisador se apropria dos conceitos de variação e mudança, e como ele os mobiliza.

Na segunda parte analisamos os modalizadores que servem para estabelecer a coerência pragmática, como aponta Bronckart (2007), mecanismos enunciativos que o sujeito-pesquisador se vale em sua análise para mobilizar o discurso “do outro” na apropriação de conceitos. Esses mecanismos enunciativos podem por um lado mobilizar o discurso segundo, e por outro trazer à tona julgamentos, avaliações e opiniões que são produzidas a respeito do conteúdo temático em foco.

Na terceira parte desse estudo, elaboramos nossas considerações com a certeza de não está generalizando todas as pesquisas realizadas nesse período de tempo, mas sim, apresentar resultados que, possivelmente, comprovem nossa hipótese.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.2. O gerenciamento de vozes na constituição do discurso das dissertações

Segundo Bronckart (1997) os mecanismos enunciativos contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, e ao mesmo tempo trazem à tona as avaliações, os julgamentos, opiniões, sentimentos, que podem ser formulados a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático, e as instâncias que são responsáveis por tais avaliações. Para esse autor, este mecanismo inclui a análise de dois aspectos: a distribuição das vozes e a marcação das modalizações; que, embora distintos, convergem para os mesmos resultados, ou seja, a responsabilidade do que se enuncia.

Para que autor empreenda uma ação da linguagem, ele mobiliza um conjunto de conhecimentos que se referem ao contexto físico e social de sua intervenção, ao conteúdo temático que nela será mobilizado e o próprio estatuto de agente. E como todos os conhecimentos são constituídos na interação com as ações e com os discursos dos outros, mesmo quando parte de reorganização singular, sempre trazem trações da alteridade constitutiva; uma vez que as representações disponíveis no autor sempre integraram as representações do outro, no sentido de que se constituem ações interativas, que se confrontam e se negociam, apresentando um caráter dialógico, como diz Bakhtin (1992).

O confronto entre as representações pessoais com as representações do outro não se efetua apenas no “espaço mental” do autor, exige um espaço mental comum e coletivo. É isso que dá origem aos mundos discursivos. Esses espaços mentais comum e coletivo estão relacionados à atividade de linguagem, que devido “à sua própria natureza semiótica”, baseia-se necessariamente, na criação de “mundo virtuais” (Bronckart, 1997).

Desse modo, de um lado temos o mundo “real” representado pelos agentes humanos (mundo do autor empírico) e o outro, o mundo virtual criado pela linguagem (mundo discursivo). Mesmo que todas as representações mobilizadas pelo autor na hora de empreender uma ação de linguagem estão localizadas no mundo do autor empírico, é no mundo discursivo que se processam as operações de responsabilidade enunciativa. Assim, a voz do autor é “apagada” e substituída por uma instância geral de enunciação, que segundo Bronckart (2007) consiste no textualizador: voz “neutra”, que pode se configurar em narrador, quando o discurso mobilizado for da ordem do narrar, e expositor, quando for da ordem do expor.

É na instância geral (coletiva) que se processa o gerenciamento das vozes enunciativas que se encontram presentes no discurso.

De acordo com Bronckart (2007) vozes são “entidades que assumem (ou as quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado”. Geralmente é a instância geral de enunciação que assume a responsabilidade do dizer, entretanto em alguns casos, a instância de enunciação pode pôr em cena uma ou várias outras vozes, isto é, vozes secundárias que se agrupam em três categorias:

Vozes de personagens	<ul style="list-style-type: none"> • Vozes de seres humanos ou entidades humanizadas, implicadas na qualidade de agente. • Segmentos de texto na 1ª pessoa gramatical: fusão do narrador/expositor e da voz que este põe em cena – o narrador assume, de algum modo, seu personagem. • Segmentos de texto na 3ª pessoa gramatical: manutenção da distinção entre narrador/expositor e a voz secundária posta em cena.
Vozes sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Vozes de personagens, grupos ou instituições sociais que não intervêm como agentes no percurso temático de um segmento textual, mas que são mencionadas como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo temático.
Voz do autor	<ul style="list-style-type: none"> • Voz que procede da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado.

É através do gerenciamento das vozes enunciativas, que os pesquisadores podem tomar uma posição e se engajar frente ao objeto que pretende investigar. É esse

gerenciamento que vai servir de norte para que possamos analisar como os pesquisadores se apropriam de conceito de variação e mudança linguística, para, então, dá a ver em seu discurso, a voz do outro, refletindo e se posicionando frente ao que escreve; surgindo, desse modo, a voz do autor, aquela que deve estar no centro da instância enunciativa.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Iniciamos a análise, primeiro com os fragmentos da dissertação de P1, que tem como título: A situação linguística de Sardenha. Nessa pesquisa, o autor se propõe a escrever um panorama geral da região pesquisada, sua problemática romântica, sua participação dialetal e seu bilinguismo ítalo-sardo.

Estrutura da Dissertação de P1

Ano	Objetivo do Estudo	Conceituação	Resultados Alcançados
1979	Apresentar uma pesquisa sobre os falares da comunidade sarda.	Variação dialetal na comunidade sarda em termos históricos, geográficos e culturais.	O dialeto sardo é utilizado em situações do cotidiano e a língua italiana nas situações mais formais. Assim existe na comunidade da sarda, uma situação de bilinguismo caracterizado diferentemente segundo as cidades mais ou menos afastadas dos centros difusores da cultura sarda. (p. 61)

Nesses fragmentos, observamos que P1 apresenta um estudo sobre os falares da comunidade, especificamente mostra que essa comunidade é bilíngue, uma vez que se utiliza de um dialeto e da língua italiana para se comunicar. O pesquisador se apoia em dados bibliográficos para mostrar a variação dialetal na comunidade e constatar um uso dos dois dialetos.

Estrutura da Dissertação de P2

Ano	Objetivo do Estudo	Conceituação	Resultados Alcançados
2000	Explicar alternância [ãw]~[õ] para esclarecer a propagação da variação linguística e descobrir o motivo da mudança no português falado na comunidade de Cáceres.	<p>O princípio que norteia a investigação e o do uniformitarismo, que segundo Tarallo (1994) “as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuam no passado, e vice-versa”</p> <p>Chambers e Peter Trudgill (1980), que mostram correlação entre os fenômenos lingüísticos por eles estudados e o fator idade.</p> <p>Sankoff e Cedergren (1971), que verificaram os efeitos significativa da interação entre as variáveis <i>estilo</i> e <i>idade</i> sobre a elisão do /l/ final entre os falantes de Montreal.</p>	<p>Os falantes da comunidade de Cáceres tende em situações mais formais a usa com maior frequência a variante [ãw]. Esses resultados confirmam a posição de Tarallo (1994) e de outros pesquisadores, no sentido de que o estilo formal bloqueia a variante supostamente estigmatizada, no caso [õ].</p> <p>Este resultado mostra que o fenômeno em estudo está correlacionado ao fator idade como já era previsto, e vem reforçar resultados de estudos já realizados por pesquisadores como Labov (1972), Chambers & Peter Trudgill (1980), que mostram correlação entre os fenômenos lingüísticos por eles estudados e o fator idade.</p>

A dissertação de P2, intitulada de **A Variação dialetal: a alternância de [ãw] ~ [õ] final do português falado na comunidade de Cáceres**, pauta-se na situação de heterogeneidade da língua, tratando em particular de um fenômeno fonético e fonológico da fala da comunidade, a alternância do ditongo nasal [ãw] pela vogal nasal [õ]. Tem como suporte teórico a análise sociolinguística variacionista. Observamos que P2 em sua dissertação teve a preocupação de comprovar o que Tarallo e outros pesquisadores (1994) “constaram no sentido de que o estilo formal bloqueia a variante supostamente estigmatizada, no caso [õ]”.

Estrutura da Dissertação de P3

Ano	Objetivo do Estudo	Conceituação	Resultados Alcançados
2011	Analisar o uso dos pronomes nós e a gente na fala de trinta e cinco (35) sujeitos, moradores do bairro de Nazaré (Belém-Pa).	A Teoria da variação , na perspectiva de Labov (1972) e de Taralo (1999), tendo por base a questão da heterogeneidade da língua .	Em termos probabilísticos, ainda que confirmada a tendência ao uso da variante inovadora a gente ao invés da forma pronominal conservadora nós , os dados obtidos nesta pesquisa revela um equilíbrio muito grande no uso das formas pronominais em questão, demonstrando ser prematura a ideia de uma substituição da forma tradicional pela inovadora. Nesta perspectiva, a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos, de regras ou de frases gramaticais; passamos, então, a entender a língua como um fenômeno social, melhor ainda, como uma prática de ação interativa, totalmente dependente de seus usuários. Assim sendo, há por aqui um caráter político, histórico e sociocultural, não cabendo mais um estudo da língua desvinculado da interação.

A dissertação de P3 tem como título, Nós/a gente: variação ou mudança? O trabalho foca-se no estudo dos usos que os falantes fazem dos pronomes nós/a gente, na perspectiva da linguística variacionista. Tem como ponto de partida o pressuposto de que todas as línguas são heterogêneas, ou seja, trazem em si um dinamismo que lhe é próprio e característico. O pronome “tu” no norte do país, é o tratamento preferido quando o falante interage com o ouvinte, o que já não é muito comum em outras regiões onde esta ocorrência é menos frequente.

Verificamos que o pesquisador tende a mostrar uma posição frente à teoria que serve de sustentação para o trabalho de forma diferente da dos outros dois pesquisadores, pois quando afirma que *apesar dos dados probabilísticos comprovarem o uso de “a gente”, em detrimento da forma pronominal “nós”, é prematuro dizer que houve mudança*. Isso mostra que os dados comprovam a hipótese, entretanto ele afirma que é prematuro dizer que houve mudança, pois o pronome “nós” é utilizado em alguns contextos. Assim podemos observar que ele não toma posição de concordar com os dados, totalmente, porque o seu foco também é observar a língua como um fenômeno heterogêneo e que sofre alterações a partir da interação linguística entre os falantes. Além disso, ainda tece considerações no sentido de considerar a língua como um fenômeno social, não apenas como estrutura.

Verificamos que P1, P2 e P3 se valem de estudos realizados por outros teóricos para sustentar a pesquisa, como em qualquer trabalho de divulgação científica. Entretanto, cada um lida com a teoria de uma forma diferente. P1 tem como objetivo apresentar um estudo dos falares da comunidade sarda. Para isso, procura comparar a variação e, conseqüentemente, o bilinguismo predominante na comunidade sarda, através da comparação de dados históricos. Tal pesquisador dispõe de uma escrita peculiar, como mostrar estes fragmentos:

Fragmento 1 de P1(Dialetização do sardo)

1	Quando eu morava em Sardenha, achava muitas oportunidades de viajar, muito mais
2	do que me ocorre hoje, pois na Europa tudo parece perto de tudo... (p 20)

Fragmento 2 de P2

1	Muitos autores me advertem que não posso confiar na visão histórica para explicar a
2	questão dialetal, mas devo dar antes importância aos fatos linguísticos. (p.40)

No fragmento 1, linha 1, “Quando eu morava em Sardenha...”; P1 se utiliza da voz de personagem, ou seja, a voz que se põe em cena na instância enunciativa é a voz do narrador, que assume seu personagem, como afirma Bronckart (2007) é a voz neutra, podendo se configurar em dois pontos, na ordem do narrar e na ordem do expor.

No fragmento 2, linha 1 “Muitos autores me advertem que não posso confiar na visão histórica”, vemos a interação, ou seja, o diálogo entre o pesquisador que assume o papel de narrador, e a voz do outro, o teórico que serve de sustentação para pesquisa.

Desse modo, podemos observar que P1, além de realizar um levantamento bibliográfico do local em foco, relaciona-o com comentários de fatos do cotidiano. Quando afirma *eu morava em Sardenha* apesar de se utilizar de um pronome de primeira pessoa, não podemos dizer que é a voz do autor, aquele que como afirma Bronckart (2007) mobiliza conhecimentos, configura como uma voz de personagem, aquele que narra ou expõe fatos.

Assim não há indícios da implicação do autor no texto. Esse autor pode ser considerado como autor empírico, aquele que escreve apoiando em dados da experiência imediata.

No texto desse pesquisador não há remissão aos teóricos conhecidos como Labov (1969) e outros, que deram o ponta pé inicial para os estudos de variação e mudança linguística.

Enquanto P2, apesar de se valer de dados de renováveis pesquisadores, uma vez que em sua dissertação há sempre uma remissão a pesquisas de autores da Sociolinguística conhecidos como Labov (1969), que desenvolveu uma análise do fenômeno em foco, utilizando a regra variável, que *considera os padrões regulares de covariação em relação à frequência de uso da regra e aos elementos contextuais*. Tarallo (1994) no que se refere ao estilo formal que bloqueia a variante supostamente estigmatizada. Chambers e Peter Trudgill (1980), que mostram correlação entre os fenômenos linguísticos por eles estudados e o fator idade. Sankoff e Cedergren (1971), que verificaram os efeitos significativos da interação entre as variáveis *estilo* e *idade* sobre a elisão do /l/ final entre os falantes de Montreal e outros.

Assim, o texto desse pesquisador é permeado pelo discurso do “outro”, ou seja, ele cita muitos teóricos que estudaram a variação e a mudança linguística para dar sustentação ao seu discurso, e por sua vez comprovar sua tese se valendo dos conceitos propostos por Tarallo (1994). Quando diz: Segundo Taralo (1994) “as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuam no passado, e vice-versa”.

Além do conectivo “segundo” que mobiliza o discurso do outro no texto do pesquisador, ou seja, que indica que o enunciador não se responsabiliza pelo enunciado, apoia-se no discurso do outro; esse fragmento ainda se completa pela ilha textual, marcado pelas aspas. Sobre esse modalizador Authier-Revuz (2004) afirma:

É nas diversas formas marcadas da *conotação autonímica*, que o locutor faz uso de palavras inscritas no fio do discurso (sem a ruptura própria à

autonímia) e, ao mesmo tempo, ele as mostra. Por esse meio, sua figura normal de usuário das palavras é desdobrada, em outra figura, a de observador das palavras utilizadas; o fragmento, assim, marcado recebe em relação ao resto do discurso, um *estatuto outro*.

Nesse âmbito, o texto de P2 se apresenta marcado pelo discurso do outro, isto é, os conceitos de variação e mudança linguística que já foram estudados por teóricos renomados são verificados e confirmados a partir dos dados analisados no estudo.

Quanto às várias vozes presentes no texto que segundo Bronckart (2007), são responsáveis pela coerência pragmática, observamos que P2, assim como P1, não consegue se depreender do discurso do outro. Vejamos o fragmento:

Fragmento 1 de P2

1	Souza (1996), nos seus estudos em comunidades urbanas, tem mostrado que nem toda
2	variação implica mudança, mas que toda mudança implica variação. Já Labov (op. cit. pag.
3	74-75), afirma que uma mudança linguística em progresso raramente representa
4	substituição categórica de uma forma pela outra, (...). (p 34- 35)

Esse fragmento apresenta dois conceitos, dos muitos constantes no trabalho. O pesquisador se utiliza de vozes sociais quando faz menção a dizeres externos de avaliação de alguns aspectos do conteúdo, no caso em estudo, do discurso *já-dito* de teóricos da Sociolinguística; como o de Souza e o de Labov.

Observamos no discurso citado a predominância do discurso indireto, no qual o sujeito-enunciador traduz as falas citadas, tem em vista que as palavras são escritas a partir do entendimento de um pensamento, isso se comprova através da construção do verbo no pretérito perfeito composto (linha 1) e no presente simples (linha 3), ambos remetem ao mundo comentado.

A escrita de P3 segue um caminho diferente da de P1 e da P2, já que em sua dissertação há citação, entretanto esse recurso é comentado a partir de um ponto de vista do próprio autor. Observamos nos fragmento que segue:

Fragmento 1 de P3 (Fundamentação Teórica)

1	Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, reavivados nas décadas de 80 e 90,
2	autores como Lichtenberk (1991) retomam discussão sobre o <i>problema da transição</i>
3	(Weinreich, Labov & Herzog 1968) defendem a ideia de que o gradualismo é inerente
4	aos fenômenos de gramaticalização estudados. (p. 49)

Fragmento 2 de P3 (Conclusão)

1	Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram e ocorrem
2	mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis; pode-se dizer, portanto, que a
3	língua aparece em diversos falares, os quais estão submetidos às exigências dos
4	diversos contextos de uso dessa língua

Esses dois fragmentos foram selecionados de duas seções distintas da dissertação. O primeiro está na parte dos conceitos que explicam a fundamentação do trabalho. Observamos que ao tratar desse assunto, o autor se utiliza também do discurso relatado, no caso o discurso

indireto, como mostram os verbos na segunda e terceira linha do fragmento, flexionados no presente do indicativo. Nessa parte, o autor traduz as palavras do outro, visto nas linhas 2 Lichtenberk (1991) e 3 Weinreich, Labov e Herzog 1968 – o que, com as suas próprias palavras interpreta o enunciado.

No segundo fragmento da dissertação, percebemos o ponto de vista do pesquisador na medida em que ele, a partir da enunciação, dá ver no discurso do outro o seu posicionamento, observa-se o que Authir-Revuz (2004, p.18) afirma quando se refere à *presença do outro – às palavras do outro, às outras palavras*. Pode-se também observar a posição do autor através dos marcadores textuais, na linha 2, *pode-se dizer* e do conectivo *portanto*, os quais demonstram que a houve um comentário seguido de uma instância conclusiva.

Verificamos, também, a posição do autor frente à teoria mobilizada através do que está disposto no quadro da estrutura da dissertação de P3, no que trata dos resultados, visto em: *Assim sendo, há por aqui um caráter político, histórico e sociocultural, não cabendo mais um estudo da língua desvinculado da interação*.

No que se refere ao quadro de vozes proposto por Bronckart (2007), percebemos o cruzamento das varias vozes presentes na dissertação, entretanto, em detrimento dos outros dois pesquisadores, percebemos que P3 se utiliza da voz que está no centro da instância enunciativa, aquela que comenta e avalia aspectos do enunciado.

Relacionando esse pesquisador com os outros, as análises mostram que tanto P1 como P2 apesar de interagir com a teoria, utilizando-se de vozes sociais e de personagem, não se observa nas pesquisas a voz do autor. Para Grigoletto (2011). a escrita burocrática e escrita mobilizadora, verificamos que a escrita desses pesquisadores se configura como burocrática, pois os posicionamentos corroboraram com a teoria que norteia o trabalho. Vale ressaltar, que a pesquisa de P1 é fundamentada em dados históricos e fatos do cotidiano.

Assim, P1 e P2 não se encontram implicado com o saber. Diferentemente de P3, que podemos considerar sua escrita como mobilizadora, porque a forma como lida com a teoria é diferente, está implicado com o saber, interage com a teoria, com a análise e de fato, leva a crer que produz conhecimento.

Entretanto, quando comparamos os aspectos linguísticos dos três tipos de pesquisas que ora apresentamos, apesar da diferença de tempo entre as duas primeiras pesquisas ser de 21 anos, os dois apresentam escrita semelhantes, já que, P1 (1979) se utiliza de autores da literatura histórica e geográfica e de conhecimento do senso comum para estudar a dialetologia da Sardenha, P2 (2000) toma como norte estudos da sociolinguística, principalmente das pesquisas realizadas por Labov, Taralo e outros, principalmente, da Teoria da Variação para tratar dos dados de fala da comunidade de Cáceres, e P3 (2011) verificar a variação ou mudança no uso do pronome nós/a gente na fala da comunidade de Belém do Pará. A escrita desse último pesquisador (P3) se constitui de forma diferente, em relação aos outros dois pesquisadores (P1 e P2), visto que, consegue mobilizar a teoria, interpretando e tirando suas conclusões.

Pautando-se no que diz Fabiano (2012 – *no prelo*), sobre os tipos de pesquisas, podemos afirmar que a pesquisa de P1 se considera como uma pseudopesquisa, pois um discurso muito vezes se ancora em dados da vivência do autor, isto é, em discurso do senso comum, como vimos no fragmento 1 e 2. A pesquisa de P2 verifica e comprova uma teoria e P3, ao contrario, tende a mobilizar conhecimento, fazer e inovar.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Não queremos com esse trabalho trazer um “modelo” de como se constitui a escrita de uma dissertação, mas refletir sobre o que acreditamos ser o verdadeiro papel de uma pesquisa, que na nossa concepção é aquela como bem postulou Fabiano (2012 – *no prelo*), produz conhecimento. Apesar de sabermos que o texto acadêmico, ou qualquer texto, é atravessado por vozes, pois nenhum dizer é primeiro como afirma Authier-Revuz (2004, p. 40), fazendo uma releitura do dialogismo proposto por Bakhtin. É através da interação com o discurso do outro que se constitui qualquer discurso. Entendemos que é no diálogo das vozes que a escrita se constitui como singular.

Assim é o discurso acadêmico, entretanto o pesquisador, o sujeito que está no centro da instância enunciativa como postula Bronckart (2007), deve se colocar no discurso numa posição enunciativa própria, ou seja, marcar o discurso, deixar algo de si no processo de escrita.

Na análise da materialidade linguística percebemos que a pesquisa de P2 (2000) se vale de citação de autores da Sociolinguística, como recurso de autoridade para dar prestígio á ao que escreve. Esse pesquisador se apropria dos conceitos de variação e mudança apenas para confirmar dados, não há indício na escrita de sua dissertação da implicação do sujeito-pesquisador com o saber. E na pesquisa de P1, temos um pesquisador empírico, que se pauta no conhecimento de mundo para comprovar dados.

Na escrita das três dissertações analisadas apenas P3 se apresenta implicado com um saber, dá significados aos conceitos por ele apropriados. Esse pesquisador analisa o conhecimento e faz julgamentos, pode se dizer que é conhecedor do espírito científico e tem a capacidade de autocrítica, e por isso, formula novas questões sobre um fenômeno investigado.

Em relação ao gerenciamento de vozes observamos que os três pesquisadores se utilizaram de vozes na apropriação dos conceitos por ele enfocados, mas de uma forma diversa. Cada um com sua especificidade como já foi exposto aqui, no entanto apenas P3 conseguiu realizar atividade de linguagem, mobilizando os conceitos e ressignificando-os.

Seguindo os preceitos de Bronckart (2007, p. 338) para a escrita ser significativa é necessário que “a atividade de linguagem seja, ao mesmo tempo; o lugar e o meio das interações sociais constitutivas de qualquer conhecimento humano; é nessa prática que se elaboram os mundos discursivos que organizam e semiotizam as representações sociais do mundo”.

No nosso entender, a pesquisa acadêmica tem como objetivo trazer novos conhecimentos de cunho científico, para tanto o sujeito-pesquisador deve se pautar em teorias já existentes para dá cunho de valor ao trabalho, mas acima de tudo sua pesquisa deve promover novos conhecimentos. Embora esse estudo esteja em fase inicial e os resultados serem preliminares, observamos que na maior parte dos textos analisados, o pesquisador não se encontra implicado com a escrita e com o saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. A. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha, - São Paulo: EDUC, 2007.

FABIANO, S. Dissertações e teses: Luzes e sombras a partir da década de 1970. In RIOLFI; BARZOTO, V. SEM CHORO NEM VELA: Cartas aos professores que ainda vão nascer 2012. (prelo)

GRIGOLETO, M. Lições do Modelo: A escrita que engessa e a que mobiliza. In RIOLFI, C; BARZOTTO, V. H. O inferno da Escrita: produção escrita e psicanálise. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

RIOLFI, Cláudia. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho de escrita. *Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil*, Campinas-SP, vol. 40, p. 47-51, jan/jul, 2003.